

Voltemos agora a dois pontos. Um para encerrar, o da rua do Triunfo, outro para abrir discussão que por certo se projeta além dessa escrivinhão e esparrama-se por outros e mais apropriados setores: o projeto cultural para o cinema brasileiro, a pedra de toque dos debates atuais.

A produção da rua do Triunfo já se conscientizou de que a explosão do lixo cinematográfico de "sexo explícito" é profundamente predadora e estourou na sua cabeça. Na projeção de alguns poucos anos, se continuar como está, vai decretar sua extinção. Por isso é vital e urgente a criação de circuito restrito para a modalidade. Isso abrirá, nos circuitos populares, o espaço para o filme médio, a produção classe B popular, bem acabada e de fácil veiculação. Se a rua do Triunfo sobrar, contudo, arrastará no naufrágio também o melhor cinema que se pratica ou se tenta praticar no Brasil. Quando chegarmos ao inevitável "circuito restrito", porém, é necessário reservar 80% do seu espaço ao produto nacional. Não se justifica por nenhum título a dominação da exibição por filmes estrangeiros que os exibidores introduzem no mercado a preços de *dumping*. Barreiras alfandegárias, eficientes resoluções do Concine, todos os métodos e mecanismos possíveis de adotar devem ser utilizados. Porque é certo que boa parte dos produtores que entrarem nesse circuito, nele irá buscar recursos para aplicar em outros gêneros populares. Esta é, na realidade, a expectativa da média dos produtores da rua do Triunfo.

Quanto ao problema de um projeto para o cinema brasileiro, ora em debate no Conselho Consultivo da Embrafilme, do jeito que vai não chegará a projeto nenhum. Na verdade, a questão está girando apenas em torno de acesso imediato ao financiamento. Os grupos emergentes, aglutinados em associações, pressionam ao

desespero por verbas. Julgam-se o próprio cinema cultural brasileiro, mas nunca vimos claramente que projeto cultural propõem. Toda vez que os vemos na pugna por verbas, não conseguimos evitar que nos venha à mente aquele irônico poema de Carlos Drummond sobre os poetas federal, estadual e municipal.

Mas vamos ao ponto vital da questão. Toda a argumentação das entidades que reúnem os novos, infelizmen-



Rogerio Sganzerla

te, é muito especiosa. Eles não têm conseguido esconder a verdade cruel: só pensam em seus filmes pessoais, não no conjunto do cinema. Daí surge a maior aberração de toda a colocação feita até o presente: ainda não ouvi, em nenhum momento, ninguém ligar o projeto de cinema ao seu objetivo final: o espectador. Para esses ideólogos estranhos, a mecânica do cinema mudou, ela só passa pela realização dos seus projetos, pelas exibições em museus, cineclubes e alguns ditos festivais. Mas onde fica o povo nisso tudo? Falo do povo como participante cultural, o povo para o qual deve ser feito o cinema. Até agora o povo tem entrado nos filmes como personagem, mero agente passivo.

Seus problemas são levados à tela com muita demagogia, distanciamento classe média, sociologismo escolar e matizes ideológicos de um incrível arco-íris político. Depois os filmes são curtidos em circuitos fechados. Ao final das exibições, com a consciência tranqüila de haver equacionado os graves problemas nacionais, seguem o convite da personagem do filme de Dassin: vão todos à praia!

Ody Fraga

Sganzerla por Sganzerla

Com relação ao comentário adicional de Jairo Ferreira sobre *Rei da Vela*, no último número desta revista — cuja melhor contribuição foi o excelente material histórico sobre Glauber, Cavalcanti e Lima Barreto (sobre quem muito escrevi, quando estavam entre nós, a partir de 1978 na *Folha*) — devo esclarecer que não é verdade, mas inexato e contraprodcente, acrescentar que eu, como José Celso, "teria parado no tempo" (nas suas palavras) pois, em primeiro lugar, é sempre criativo e necessário ver e ouvir o discurso oswaldiano projetado para o grande público, com resultados estimulantes e entusiasman-tes... Outro crítico, da mesma geração de Jairo — Inacio Araújo, na *Folha de S. Paulo* de 26.5.84 — diz o contrário: "Sganzerla está à frente de seu tempo"... Qual a conclusão? Vale a pena ver os documentários (curtas-metragens) — inéditos no Rio na bitola original de 35mm — *Brasil e Noel por Noel*, para se informar de que o processo histórico não é linear, mas cíclico... Estar à frente ou atrás não é ser testemunha de seu tempo?

Rogerio Sganzerla